

## **Monocromo biográfico, estratégias de registro e manipulação da identidade**

Prof. Ms. Clovis Marcio Cunha  
Professor, artista  
UNICENTRO

**Palavras-chave:** biografia, body art, nudez, processo criativo, teatro, vídeo arte

No ano de 2008 elaborei uma cena intitulada *Monocromo Biográfico* para ser apresentada na Mostra Cena Breve, A Linguagem dos Grupos de Teatro, na cidade de Curitiba. A cena estruturava-se em uma justaposição de depoimentos coletados previamente acerca da exposição do corpo nu do artista, com narrações autobiográficas sobre meus encontros com alguns dos monocromos mais conhecidos na história da arte e a ficcionalidade da invisibilidade.

**REPRESENTAÇÃO BIOGRÁFICA:** A dramaturgia confrontou algumas concepções de exibição do nu, coletadas em entrevistas especialmente concedidas por artistas, e manipulou depoimentos desinteressados da construção biográfica para remontar a experiência da percepção da nudez pelo próprio performer, resultando em um vídeo arte que substituiu as funções do roteiro cênico.

Esse processo criativo apresentou estratégias de criação coletiva e encontrou na justaposição de linguagens recursos para a construção, desconstrução e destruição da identidade do artista. As estratégias de criação artística desta cena não seguiram um princípio linear, pois recorreram a princípios colaborativos que estilhaçaram a unidade inicial da criação, transformando a narrativa linear pretendida em um labirinto expandido. A cena *Monocromo Biográfico* expôs narrativas paralelas em conflito, colagem, apropriação, cor inexistente, invisibilidade, documentário, tempo e representação fragilizados durante quinze minutos.

**NUDEZ BIOGRÁFICA:** Alguns meses antes, eu havia desenvolvido uma forte pneumonia e estava bastante debilitado, meu corpo nitidamente magro, meus movimentos demasiado lentos. Rejeitei a sugestão médica de internamento e optei por realizar o tratamento em casa, mantendo-me o mais solitário que pude, salvo momentos de extrema fraqueza em que tive de recorrer ao auxílio de minha irmã. O motivo do meu isolamento talvez fosse o fato de que, muito recente essa fase, eu havia perdido dois irmãos em períodos longos de

internamento e pretendia que meu estado débil se tornasse invisível. Meu anseio pela invisibilidade foi logo sucedido por uma curiosidade bastante perversa de exposição do meu corpo que se modificava rapidamente. Observar aquela transformação tão repentina passou a ser minha fantasia mais íntima naquele período. Assim que os remédios começaram a fazer efeito, e eu ia me fortificando, iniciei uma auto-exploração, efetuando longos períodos de exposição de minha nudez em frente a uma filmadora digital, ambicionando registrar o corpo que me era possível ter naquele momento. Estas exposições particulares logo passaram a dividir espaço com relatos pessoais proporcionados por períodos de insônia e prazer exibicionista.

O MONOCROMO BIOGRAFICO: Como sinopse da cena o público encontrou o seguinte texto: Na busca de registro biográfico o artista vai ao espaço, onde é bombardeado por estranhos raios azuis. Ao retornar a terra, seu corpo lentamente dá lugar ao monocromo azul, dissipando-se na paisagem.

A dramaturgia elaborada pelo grupo Barridos da Cena questiona a verdade biográfica pela exposição do nu masculino, enfatizando desejos sexuais e as tentativas de superação da sua condição pessoal do artista. “Desnuda-se da masculinidade com a qual foi forjado para meter-se em outra pele. Na era da superexposição, do aparecer a ofuscar o ser, o nu artístico confronta o artístico do nu. E sem histerismo moral” (SANTOS, 2008).

O artista que desempenhou ações ao vivo, e ainda ele duplicado e projetado na tela, ambos, narram as memórias de um “eu” estilizado por procedimentos performáticos. A narração da memória vagou entre os Monocromos de Yves Klein e as histórias em quadrinhos do Quarteto Fantástico, em que o artista se retratou nas mesmas poses desenhadas por Jack Kirby para a mulher invisível na primeira edição da revista em quadrinhos, metáfora da invisibilidade, que transita da visibilidade explícita do órgão sexual masculino até a visibilidade ficcional do monocromo. Foi na exposição demasiada de si que o artista se afastou da verossimilhança com a vida, fragilizando a verdade inicial que buscava.

MANIPULAÇÃO DA VERDADE BIOGRÁFICA: A investigação desenvolvida nesta exposição biográfica do nu sustenta-se sobre o pensamento de que a vida se estrutura em procedimentos de construção de linguagem, que modificam a natureza primária dos acontecimentos gerando fragilidade na percepção da verdade ao expor imagens documentais contrapostas com imagens manipuladas.

Segundo Richard Schechner (1988), a complexidade do procedimento estético que ocorre na construção deste “corpo-cotidiano” que invade a obra e se faz produto artístico é gerada pela impossibilidade de transformar vida em arte, visto que, em situações nas quais a vida é evidenciada pela cena artística, a obra de arte se interrompe.

No duplo do “eu” que desempenhou ações ao vivo, o público encontrou o ator, carregado de truques costumeiros da representação teatral; ações ensaiadas que conflitaram com a verossimilhança imposta pelas imagens de vídeo. Sobre o palco, o “eu” personagem sobreviveu somente à sombra das referências pictóricas impostas pelo vídeo arte que, em exibição simultânea, disputou com o ator a atenção do público. Sobre o palco italiano, a capacidade simbólica da representação teatral se deslocou para a ação do vídeo, tornando-o corpo vivo, que interagiu com o espaço como um “corpo-obra”. Assim, posto em estado fronteiro entre a vida e a ficção, identidade, espaço, tempo e representação se estenderam e se hibridizaram.

Seguimos essas camadas do que é falso ou verdadeiro, de manipulação clara dos materiais disponíveis (esse código transparece o tempo todo para o espectador, mesmo quando nas enquetes do filme “biográfico”, o que denota postura ética dos artistas envolvidos), numa sobreposição de planos que emendam inquietações existenciais e relativas ao ato criador (SANTOS, 2008).

A metalinguagem foi recurso de ligação entre todos os depoimentos, na intenção de ocultar as camadas mais sensíveis da exposição do corpo fragilizado. Como se, na revelação do procedimento criativo, o corpo não pudesse, então, ser esquecido como veículo de revelação da identidade e observado apenas na perspectiva de matéria fictícia.

**CORPO E IDENTIDADE BIOGRÁFICA:** O corpo apropriado como espetáculo da arte e abordando como temática artística a identidade do intérprete acaba por se caracterizar em ação performática, evidenciando a relação sempre presente entre *body art* e *performance art*. Estas são fenômenos relacionáveis e possuem formas de expressão que convergem consideravelmente entre si. Battcock define a *body art* como arte que desenvolve referência direta ao corpo do artista. Toda *performance art* acarreta em seu desenvolvimento a experiência da *body art*, visto que o corpo do artista é o centro de um discurso propriamente individual.

Na *performance art*, a exploração do “eu” é vinculado em um processo radical, que realça a liberdade temática fazendo com que o artista organize roteiros a partir de seu próprio ego, (COHEN, 1989). Entretanto Battcock grifa que nem todo espetáculo que exiba um corpo pode ser considerado uma forma de *body art*. Mas a complexidade do assunto vem do fato de que algumas formas de expressão da *body art* podem ser autênticas *performances*.

Pode-se compreender que a *body art* somente aparece como forma artística no momento em que a *performance* se estabelece como linguagem, ainda que anteriormente se encontrem corpos em condições de arte. Isto se dá, de certa maneira, porque a *body art* não

teria para si uma mídia individual, ainda que o corpo se apresente como mídia primária de sua linguagem; esta para se expressar apropria-se de outras mídias como o vídeo, a fotografia, a apresentação ao vivo, vozes gravadas, pinturas, esculturas, instalações e etc...

Entretanto, como desenvolve Glusberg, a performance aparece como um meio de resgatar a história do uso do corpo e suas reflexões culturais. Sendo rejeitado o estereótipo corporal amplia-se o número de possibilidades a fim de resgatar as mais variadas formas de uso do corpo. As performances tentariam então resolver a contradição do homem com sua imagem espetacular, utilizando recursos cotidianos para finalidades inéditas. A realidade utópica da representação passa a ser substituída pela irrupção da verdade na ação ao vivo do performer. A irrupção da vida como matéria de construção da cena deflagra simbolicamente novas alternativas, abarcando novas paisagens na concepção do corpo como matéria significante, com intuito de lucrar uma quantidade de significados multifacetados que se relacionam em contextos artificiais.

AUTORIA E COLABORAÇÃO BIOGRÁFICA: O *Monocromo Biográfico* foi uma cena de interface entre artes cênicas e artes visuais. Contaminado com recursos de apropriação, colagem, justaposição de referências e depoimentos gentilmente cedidos pelos artistas envolvidos, pude edificar uma cena autoral, na qual contei com suporte artístico dos integrantes do grupo Barridos da Cena. Encenei minhas memórias, refleti sobre minha identidade masculina, combinei depoimentos pessoais e alheios, verdadeiros e manipulados, para expor minhas referências artísticas como se construísse um quadro em colagem sobre o palco italiano, tornando a construção da cena um ato individual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1989.

GLUSBERG, Jorge. *A Arte da Performance*. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1987

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e Artes do Pós-humano, da Cultura das Mídias à Ciber Cultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Valmir. *Molduras Abertas*. Disponível em: <http://mostracenabreve.blogspot.com/2008/11/molduras-abertas.html>